

SUGESTÃO DE CITAÇÃO

SILVA, Uriel Barroso da; VEILLARD, Bruno Parreira; FARIA, Guilherme Luis Rocha de. Hallyu como Poder Estrutural: a Influência da Coreia do Sul no Sul Global. DPolitik - Periódicos científicos, 27 jul. 2026.

Hallyu como Poder Estrutural: a Influência da Coreia do Sul no Sul Global

Idioma: Português

Enviado: 03/03/2026 · Aceito: 27/07/2026 · Publicado: 27/07/2026

Autores

Uriel Barroso da Silva

Universidade La Salle (Brasil)

Bacharela em Relações Internacionais e bacharelada em Direito pela Universidade La Salle.

Bruno Parreira Veillard

Universidade Cândido Mendes (Brasil)

Bacharel em Relações Internacionais e mestre em Sociologia Política pela Universidade Cândido Mendes/IUPERJ.

Guilherme Luis Rocha de Faria

Universidade Estácio de Sá (Brasil)

Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Estácio de Sá.

Resumo

O presente estudo analisa o soft power sul-coreano sob a ótica do poder estrutural de Susan Strange, utilizando o grupo musical BTS como estudo de caso para compreender a difusão da Hallyu (onda cultural coreana) e sua influência na América Latina, região integrante do Sul Global. Após a crise financeira de 1997, a Coreia do Sul reposicionou-se estrategicamente ao institucionalizar políticas culturais que integraram o Estado, os conglomerados (chaebols) e as plataformas digitais, transformando a cultura popular em um ativo econômico e diplomático. Nesse contexto, o BTS emerge como expressão paradigmática dessa estratégia, combinando música, estética e valores universais com elementos da identidade nacional coreana. A análise evidencia que o soft power sul-coreano não se limita à capacidade de atração descrita por Joseph Nye, mas reflete, segundo Susan Strange, uma forma de poder estrutural, capaz de moldar as estruturas de produção (indústria cultural global), conhecimento (circulação de narrativas e idiomas) e ideologia (representações de modernidade e sucesso asiático). Na América Latina, o fenômeno BTS consolidou redes de consumo, comunidades digitais e práticas culturais que reforçam laços simbólicos e dependências econômicas, projetando a Coreia do Sul como centro produtor de sentidos e valores. Assim, compreender o impacto da Hallyu na região implica reconhecer o BTS como vetor de uma geoeconomia estética, em que cultura, tecnologia e mercado se articulam para redefinir

as bases contemporâneas da influência e da autoridade global.

***Hallyu* como Poder Estrutural: a Influência da Coreia do Sul no Sul Global**

Uriel Barroso da Silva¹

Bruno Parreira Veillard²

Guilherme Luis Rocha de Faria³

RESUMO:

O presente estudo analisa o *soft power* sul-coreano sob a ótica do poder estrutural de Susan Strange, utilizando o grupo musical BTS como estudo de caso para compreender a difusão da *Hallyu* (onda cultural coreana) e sua influência na América Latina, região integrante do Sul Global. Após a crise financeira de 1997, a Coreia do Sul reposicionou-se estrategicamente ao institucionalizar políticas culturais que integraram o Estado, os conglomerados (*chaebols*) e as plataformas digitais, transformando a cultura popular em um ativo econômico e diplomático. Nesse contexto, o BTS emerge como expressão paradigmática dessa estratégia, combinando música, estética e valores universais com elementos da identidade nacional coreana. A análise evidencia que o *soft power* sul-coreano não se limita à capacidade de atração descrita por Joseph Nye, mas reflete, segundo Susan Strange, uma forma de poder estrutural, capaz de moldar as estruturas de produção (indústria cultural global), conhecimento (circulação de narrativas e idiomas) e ideologia (representações de modernidade e sucesso asiático). Na América Latina, o fenômeno BTS consolidou redes de consumo, comunidades digitais e práticas culturais que reforçam laços simbólicos e dependências econômicas, projetando a Coreia do Sul como centro produtor de sentidos e valores. Assim, compreender o impacto da *Hallyu* na região implica reconhecer o BTS como vetor de uma geoeconomia estética, em que cultura, tecnologia e mercado se articulam para redefinir as bases contemporâneas da influência e da autoridade global.

Palavras-Chave: *Hallyu*; Coreia do Sul; *Soft power*; *Sul Global*; *Poder Estrutural*.

Introdução

A compreensão da influência global exercida pelo BTS exige situar o grupo dentro de um processo histórico mais amplo: a consolidação da *Hallyu* como política cultural de Estado da Coreia do Sul. A chamada “onda coreana” não surge com o BTS, embora o grupo represente sua fase de maior projeção internacional e sofisticação estratégica. De acordo com Cruz (2023), o fenômeno começa a se delinear no final da década de 1990.

A partir desse contexto, o Estado sul-coreano passa a estruturar incentivos, marcos regulatórios e parcerias público-privadas voltadas à exportação de produtos culturais e midiáticos. Nos anos 2000, observa-se a expansão regional da *Hallyu*, inicialmente concentrada no Leste Asiático, por meio da difusão de *K-dramas* e grupos *idol*, e, progressivamente, esse movimento alcança regiões mais distantes, como a América Latina (CRUZ, 2023). Com o avanço das plataformas digitais e a consolidação de *fandoms* globais altamente conectados, a *Hallyu* entra em uma nova fase, frequentemente denominada *Hallyu 2.0*, conforme Jin (2012), distinguindo-se da fase inicial da onda coreana ao incorporar de maneira estrutural as tecnologias digitais e as redes sociais, ampliando significativamente o alcance global da indústria cultural sul-coreana. É nesse estágio que o BTS emerge como agente paradigmático do projeto cultural sul-coreano.

Dessa forma, a presente pesquisa parte do entendimento de que o BTS não constitui um fenômeno isolado de sucesso artístico, mas opera como síntese e amplificador de um projeto cultural e político anterior à sua formação. Ao analisá-lo como estudo de caso, busca-se compreender como a Coreia do Sul converte a cultura em instrumento de influência estrutural no sistema internacional, especialmente no Sul Global, tomando a América Latina como espaço privilegiado de observação.

Diante do contexto do BTS e da importância da indústria cultural sul-coreana entende-se que os principais achados apresentados, durante a pesquisa, devem ser vistos como análises de caráter qualitativa, e derivadas da articulação entre a literatura especializada e a compreensão interpretativa do estudo de caso.

Contexto da Pesquisa

O crescimento da *Hallyu* ocorre em um sistema internacional caracterizado por interdependência complexa, intensificação dos fluxos culturais e disputa por legitimidade simbólica. Nesse cenário, Estados que não dispõem de amplo poder militar ou de vastos recursos naturais tendem a investir em formas alternativas de projeção internacional. A Coreia do Sul insere-se nesse contexto ao transformar a cultura popular em ativo estratégico, articulando Estado, conglomerados empresariais (*chaebols*) e plataformas digitais globais.

A América Latina, enquanto região integrante do Sul Global, apresenta-se como um espaço particularmente relevante para essa análise. A recepção da cultura coreana ocorre em um ambiente sem vínculos históricos, linguísticos ou coloniais diretos com a Coreia do Sul, o que evidencia a capacidade da Hallyu de ultrapassar proximidades tradicionais e reorganizar imaginários culturais à distância. Nesse contexto, o BTS destaca-se como principal vetor contemporâneo dessa difusão cultural.

Justificativa

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender a cultura não apenas como instrumento de *soft power*, mas como dimensão estruturante do poder no sistema internacional. Grande parte da literatura tende a tratar a Hallyu como estratégia de atração simbólica, sem explorar seus impactos estruturais sobre economias, mercados culturais, produção de conhecimento e legitimidade política.

Ao mobilizar o conceito de poder estrutural de Susan Strange, esta pesquisa constitui um esforço para preencher essa lacuna. Ademais, o foco na América Latina visa ampliar o debate, deslocando-o de análises centradas no eixo Ásia-Estados Unidos-Europa.

Pergunta de Pesquisa

Como a Hallyu, tendo o BTS como principal expressão contemporânea, contribui para o exercício de poder estrutural pela Coreia do Sul no sistema internacional, tomando a América Latina, enquanto região do Sul Global, como campo empírico de observação?

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o papel do BTS como vetor de potencial do poder estrutural da Coreia do Sul, a partir da difusão da Hallyu na América Latina, sob a perspectiva da economia política internacional. Busca-se compreender de que maneira a atuação do grupo, inserida em uma estratégia cultural mais ampla, contribui para o reposicionamento internacional sul-coreano e para a projeção de influência em regiões do Sul Global.

De forma complementar, o estudo propõe examinar a Hallyu como política cultural de Estado no contexto pós-crise de 1997, bem como compreender o BTS enquanto estudo de caso da articulação entre Estado, indústria cultural e plataformas digitais. Ademais,

pretende-se identificar os impactos da difusão da Hallyu nas estruturas de produção, finanças, conhecimento e legitimidade, conforme a abordagem do poder estrutural de Susan Strange, além de avaliar, de maneira preliminar, os efeitos dessa estratégia no contexto latino-americano.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter analítico e interpretativo, e baseada em revisão bibliográfica. O estudo mobiliza literatura de Economia Política Internacional, diplomacia cultural e estudos sobre Hallyu, além de trabalhos empíricos sobre a recepção do BTS na América Latina. O método do estudo de caso é utilizado para compreender o grupo como expressão concreta de uma estratégia estrutural mais ampla.

Esta pesquisa seguirá a seguinte lógica, primeiro pela explicitação dos conceitos centrais, os quais são vistos pelas teorias de Joseph Nye e Josephn Keohane, acerca da interdependência complexa, e de Susan Strange, sobre o poder estrutural, e em seguida realiza-se uma análise qualitativa do corpus documental, com base em Leticia Mathias, Cláudio Arrojas e Indira Réquiz, Jimena Gutierrez Perona, cujos quais são especialistas na temática de indústria cultural.

Hipótese

Parte-se da hipótese de que o BTS atua como potencial instrumento de poder estrutural da Coreia do Sul, na medida em que sua difusão cultural contribui para moldar estruturas econômicas, simbólicas e ideológicas no Sul Global, indo além da lógica tradicional do *soft power* baseada exclusivamente na atração.

Escopo Temporal e Geográfico

O recorte temporal da pesquisa concentra-se no período compreendido entre a institucionalização da política cultural sul-coreana após a crise de 1997 e a consolidação global do BTS a partir da década de 2010. O escopo geográfico privilegia a América Latina, analisada como espaço de recepção e internalização da Hallyu, sem desconsiderar o caráter global do fenômeno. Na seção a seguir, apresentamos o arcabouço teórico.

Arcabouço Teórico

A análise da governança global e das dinâmicas do Sul Global evidencia que a cultura opera como um mecanismo decisivo de manutenção e projeção de poder. Em contextos marcados por assimetrias históricas e fluxos transnacionais intensificados, a influência cultural permite que Estados moldem percepções, preferências e imaginários coletivos para além de suas fronteiras territoriais.

Nesse debate, Joseph Nye e Robert Keohane contribuíram de forma central ao destacar que, em um mundo interdependente, a capacidade de atração, sustentada por valores, narrativas e produtos culturais, pode se tornar mais eficaz que a coerção material. A interdependência complexa descrita pelos autores é caracterizada pela existência de múltiplos canais de interação: relações governamentais tradicionais; cooperação entre burocracias estatais; e, sobretudo, conexões transnacionais que envolvem empresas, plataformas digitais, organizações da sociedade civil e movimentos culturais. Esses circuitos ampliados fazem da política internacional um campo no qual normas, símbolos e discursos circulam com rapidez, influenciando decisões e comportamentos estatais.

Complementar a essa abordagem, a literatura de Diplomacia Cultural amplia o entendimento sobre como Estados utilizam a produção simbólica para consolidar legitimidade e fortalecer vínculos externos. A diplomacia cultural não se limita à difusão de elementos artísticos ou identitários; ela envolve a construção deliberada de uma imagem nacional capaz de gerar confiança, familiaridade e afinidade. Mais do que um simples instrumento de divulgação, trata-se de um componente estrutural da política externa, que articula ministérios, instituições culturais, setores privados e redes de consumidores para projetar valores e moldar percepções.

Vista dessa perspectiva, a Hallyu pode ser interpretada como uma política de diplomacia cultural altamente sofisticada, apoiada tanto na lógica do soft power quanto na interdependência complexa que caracteriza a política global contemporânea. Sua força não reside apenas na atratividade dos produtos culturais, mas na capacidade de coordenar Estado, indústria cultural e fãs transnacionais em um ecossistema que potencializa a circulação de símbolos, reforça a imagem nacional e reposiciona a Coreia do Sul em hierarquias culturais globais.

A cultura, nesse contexto, atua como vetor de atração e persuasão, promovendo padrões de consumo e pensamento que reforçam a hegemonia dos países do Norte Global sobre o Sul.

A característica principal da interdependência complexa é a presença de múltiplos canais conectando as sociedades. Estes canais podem ser interestatais (contatos normais entre governantes), transgovernamentais (contatos entre burocracias não chefiadas por líderes de estado) e transnacionais (contatos entre cidadãos de países). A presença destes canais transnacionais significa que as organizações internacionais, as empresas multinacionais e, crucialmente, os movimentos culturais e sociais têm um papel a desempenhar que não pode ser ignorado. A política mundial não é apenas um jogo de xadrez entre estados; é um tabuleiro muito mais complexo, onde normas e valores circulam através das fronteiras, influenciando as preferências estatais e, assim, o resultado das negociações (KEOHANE; NYE, 1977, p. 24-25).

Em outras palavras, o *soft power* corresponde à habilidade de alcançar objetivos internacionais não pela força ou coerção, mas pela atração simbólica. Essa abordagem, embora fundamental para compreender estratégias de influência não coercitivas, limita-se à dimensão da atratividade, sem considerar as estruturas institucionais e materiais que sustentam o exercício do poder no sistema internacional.

Em contraste com as abordagens centradas na atração simbólica do *soft power* ou na multiplicidade de canais descritos pela interdependência complexa, Strange (1994) propõe uma leitura mais profunda e estrutural do poder. Para a autora, o que importa não é apenas a capacidade de um Estado persuadir ou influenciar outro, mas sua habilidade de moldar o ambiente no qual os demais atores internacionais são obrigados a operar. É essa moldura que define as regras, instituições, fluxos e valores que organizam a economia política global, que define quem ocupa posições de centralidade e quem permanece subordinado.

Strange (1994) distingue o poder relacional, típico do realismo clássico, do poder estrutural, que considera mais decisivo. O poder relacional pressupõe que A consegue fazer B agir de determinada maneira. O poder estrutural, porém, antecede essa relação: ele organiza as estruturas de produção, finanças, segurança e conhecimento, influenciando não apenas decisões, mas o horizonte de possibilidades de cada Estado. Em outras palavras, quem controla a estrutura controla o jogo, e não apenas uma jogada.

Ao trazer essa perspectiva para a análise da Hallyu, observa-se que a política cultural sul-coreana não deve ser reduzida a uma estratégia de “atração” ou de *soft power*. Após a crise de 1997, a Coreia do Sul identificou que não possuía vantagens naturais

comparáveis a grandes potências, nem vastos recursos naturais, nem território extenso, nem poder militar expressivo. Suas vantagens competitivas estavam no capital humano, na inovação tecnológica e na capacidade de articular Estado e setor privado em políticas industriais de longo prazo. A cultura, portanto, surge como um campo em que o país poderia criar vantagens, e não apenas competir pelas já existentes.

Nesse aspecto, o grande boom do poder brando Sul Coreano se trata de algo conhecido como diplomacia cultural, a diplomacia pública é um dos pontos centrais das ações do Ministérios das Relações Exteriores da Coreia do Sul (MOFA), como podemos vê em seu site na internet: O Governo da República da Coreia estabelecerá um aparato diplomático participativo integrado, aumentando a comunicação interativa com o povo, endossando a participação pública e enfocando a capacidade de diplomacia participativa. Simultaneamente, o Governo da República da Coreia se empenhará em promover o entendimento adequado da República da Coreia e angariar consciência e apoio para sua política externa por meio de diplomacia pública estratégica (tradução nossa) (STRANGE, 2021, p. 12).

Essa escolha política não foi aleatória: ao transformar bens culturais em produtos de exportação, a Coreia passou a interferir diretamente na estrutura de produção global, ocupando nichos antes dominados pelos Estados Unidos e pelo Japão. Ao vincular essa indústria à economia das plataformas, finanças digitais e conglomerados como os *chaebols*, ela também passou a operar dentro da estrutura financeira, atraindo investimentos, turismo, consumo e fluxos publicitários.

A expansão da Hallyu impacta igualmente a estrutura de conhecimento, ao difundir narrativas, estilos de vida, idiomas e representações estéticas que reconfiguram imaginários no Sul Global. *Fandoms*, traduções colaborativas, circulação de conteúdos e a reprodução de modelos comportamentais mostram que a cultura coreana não se limita a entreter: ela organiza sentidos e referenciais simbólicos. A dimensão da segurança, embora menos visível, aparece no fortalecimento da legitimidade internacional da Coreia e na construção de uma imagem de modernidade que sustenta alianças diplomáticas mais amplas.

É nesse quadro que o BTS se torna mais do que um grupo musical. Ele opera como mecanismo de articulação entre essas quatro estruturas, amplificando a capacidade sul-coreana de moldar mercados, discursos e comportamentos. Sua popularidade global não decorre apenas de talento artístico ou da adesão espontânea dos fãs, mas de um

ecossistema coordenado por Estado, indústria cultural, empresas tecnológicas e redes transnacionais que transformam cultura em infraestrutura de poder.

Assim, a perspectiva de Strange permite compreender a Hallyu e, dentro dela, o BTS não como um fenômeno de moda ou entretenimento, mas como parte de uma estratégia estatal capaz de reposicionar a Coreia do Sul no sistema internacional. A escolha pela cultura como instrumento de política externa revela a busca por uma forma de poder sustentável, escalável e menos vulnerável às assimetrias tradicionais. Ao moldar estruturas ideológicas e econômicas no Sul Global, o país não apenas ganha visibilidade: ele altera os próprios parâmetros de influência.

Entendo isso, o governo passou a fomentar a criação de políticas para o desenvolvimento da cultura nacional. Segundo o Serviço Coreano de Cultura e Informação (KOCIS), nos anos 90 foi possível observar uma mudança quanto ao consumo de cultura pop estrangeira na Coreia, transformando o país em um dos poucos a consumir mais conteúdo cultural próprio do que estrangeiro. Diante disso, podemos observar que a onda coreana é um grande fenômeno mundial. As contribuições para a economia da Coreia do Sul são inegáveis, além disso, ganhos em outras áreas também são observados [...] A diplomacia cultural desempenhou um papel importante no caso da Coreia do Sul, garantindo uma boa divulgação da cultura coreana ao redor do mundo. A partir das ferramentas de difusão de aspectos culturais, o país tem conseguido despertar o interesse internacional, fazendo com que quem tem acesso tenha vontade de conhecer o país (STRANGE, 2021, p. 13).

Principais Achados

Nesta seção, vamos apresentar a análise do BTS à luz do poder estrutural de Susan Strange revela que a Coreia do Sul utiliza a cultura não apenas como vitrine estética, mas como engrenagem sistêmica capaz de reorganizar fluxos econômicos, narrativos e formas de identificação no Sul Global. A articulação entre Estado, conglomerados empresariais e plataformas digitais cria um ecossistema em que a produção cultural deixa de ser um setor isolado para se tornar instrumento de política externa e posicionamento internacional.

Os estudos de Mathias (2023) ajudam a compreender a racionalidade por trás dessa estratégia: embora a Hallyu gere retornos econômicos expressivos, como do turismo e da venda de produtos ligados à imagem dos *idols* esses ganhos funcionam sobretudo como complemento de objetivos políticos mais amplos. O investimento estatal não se

explica apenas por lucro, mas pela busca de ampliar a barganha diplomática, projetar modernidade tecnológica e construir credibilidade internacional. A cultura opera, assim, como infraestrutura simbólica que legitima a Coreia em arenas multilaterais e sustenta agendas econômicas e tecnológicas no exterior.

No caso latino-americano, os achados indicam que a recepção da Hallyu ultrapassa significativamente o consumo de entretenimento. Como apontam Arrojas e Réquiz (2019), o sucesso do produto cultural coreano ocorre em um espaço onde não há afinidades históricas, linguísticas ou regionais, o que reforça a natureza sistêmica da estratégia sul-coreana. A circulação de dramas sul-coreanos – mais conhecidos como K-dramas, músicas e conteúdos digitais, viabilizada por *fandoms* altamente organizados, traduz-se em novas formas de sociabilidade, de aquisição de idioma e de reconfiguração do imaginário sobre a Ásia.

Contudo, para além do nível societal, observa-se um efeito político ainda pouco explorado. A presença crescente da cultura coreana altera a percepção dos governos latino-americanos sobre a Coreia do Sul como parceiro internacional. A aproximação diplomática recente, ampliação de missões culturais, intercâmbios educacionais, coalizões tecnológicas e acordos de cooperação, revela que a Hallyu contribui para criar um ambiente favorável à inserção econômica e tecnológica coreana na região. Em outras palavras, a cultura abre portas que facilitam negociações em áreas estratégicas, como semicondutores, infraestrutura digital e investimentos produtivos.

Os elementos apresentados por Perona (2023), ao analisar o impacto estético e comunicacional do BTS, reforçam outra dimensão do poder estrutural: a capacidade de moldar preferências e modos de consumo. A estética *transmedia* dos álbuns, combinada à narrativa identitária e ao engajamento emocional, não gera apenas fãs; ela cria padrões de consumo simbólico que se estabilizam como referências globais. No contexto latino-americano, isso não só reposiciona a Coreia como polo produtor de inovação cultural, mas desloca parte do mercado local para produtos e plataformas vinculados ao ecossistema coreano.

Integrando esses elementos, os achados mostram que a Hallyu redefine as quatro estruturas propostas por Strange:

1. na produção, reorganiza cadeias culturais e midiáticas;
2. nas finanças, movimenta

3. mercados de entretenimento, publicidade e turismo;
4. no conhecimento, altera imaginários, idiomas e valores; na segurança e legitimidade, projeta a Coreia como ator confiável, moderno e tecnologicamente avançado.

Assim, a presença do BTS na América Latina não pode ser interpretada como fenômeno isolado ou espontâneo. A recepção societal, combinada à crescente aproximação diplomática de governos latino-americanos com Seul, demonstra que a cultura desempenha papel estratégico na política externa sul-coreana. O BTS funciona como catalisador dessa influência estrutural: ao circular entre mercados, políticas educacionais, discursos diplomáticos e redes digitais, ele transforma a cultura em dispositivo eficaz de autoridade e inserção global.

Em síntese, os achados revelam que a Hallyu não opera apenas como ferramenta de *soft power*, mas como estratégia geopolítica e geoeconômica que reposiciona a Coreia do Sul no sistema internacional, especialmente no Sul Global. O BTS materializa essa transformação ao conectar consumidores, instituições e governos, convertendo cultura em arquitetura duradoura de poder.

Conclusão

Os resultados apresentados até aqui indicam que a inserção do BTS na América Latina contribui para a ampliação da presença simbólica da Coreia do Sul no imaginário regional, criando condições favoráveis para sua inserção econômica, tecnológica e diplomática. Ainda que não seja possível afirmar uma relação causal direta e homogênea em todos os países latino-americanos, observa-se que a circulação dos produtos da Hallyu atua como um elemento estruturante de percepções, preferências e formas de engajamento cultural, reforçando a visibilidade e a legitimidade internacional sul-coreana no Sul Global.

À luz da abordagem de Susan Strange, esses indícios permitem sustentar, de forma preliminar, que a política cultural sul-coreana ultrapassa a lógica estrita do *soft power*. A atuação do BTS sugere impactos nas estruturas de produção cultural, nos fluxos financeiros associados ao entretenimento e ao turismo, bem como na estrutura do conhecimento, ao difundir narrativas, valores e referenciais estéticos que passam a integrar o cotidiano de comunidades transnacionais de fãs. Contudo, tais efeitos variam

conforme o contexto local, o grau de institucionalização das relações bilaterais e a capacidade dos Estados latino-americanos de internalizar ou resistir a essas influências.

Dessa maneira, esta conclusão parcial aponta para a necessidade de investigações adicionais que aprofundem a análise empírica dos desdobramentos políticos e econômicos da Hallyu na América Latina. Estudos comparativos entre países, bem como a incorporação de dados quantitativos sobre comércio cultural, cooperação diplomática e investimentos, podem contribuir para avaliar com maior precisão até que ponto o BTS opera como instrumento de poder estrutural. Assim, o presente trabalho estabelece uma base analítica inicial para compreender a cultura como dimensão estratégica da inserção internacional da Coreia do Sul, sem esgotar as múltiplas camadas do fenômeno.

Referências Bibliográficas

ARROJAS, Claudio; RÉQUIZ, Indira Valentina. Devorando el Hallyu: desarrollo, hibridación y canibalismo latinoamericano. *Revista Mundo Asia Pacífico*, v. 8, n. 14, p. 45-61, ene./jun. 2019. DOI: 10.17230/map.v8.i14.03. Disponível em: <https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/map/article/view/2434> Acesso em: 18 out. 2025.

CRUZ, Elaine Patricia. *Hallyu: a onda coreana que é um fenômeno de exportação da cultura pop*. Agência Brasil, São Paulo, 25 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/hallyu-onda-coreana-que-e-um-fenomeno-de-exportacao-da-cultura-pop>. Acesso em: 13 dez. 2025.

GUTIERREZ PERONA, Jimena. Hallyu en Latinoamérica: el papel de la gráfica transmedia del álbum objeto y su incidencia en el comportamiento del consumidor juvenil fanático. Caso de estudio de la banda BTS. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Diseño Profesional Gráfico) – Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas, Facultad de Diseño, Lima, 2023.

JIN, Dal Yong. **Hallyu 2.0: The New Korean Wave in the Creative Industry**. *International Journal of Communication*, Los Angeles, v. 6, p. 3-24, 2012. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/i/ijj/11645653.0002.102/--hallyu-20-the-new-korean-wave-i-n-the-creative-industry?rgn=main;view=fulltext>. Acesso em: 13 dez. 2025.

KEOHANE, Robert O.; NYE JR., Joseph S. Power and Interdependence: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977.

MATHIAS, Letícia Batista. Política Externa Sul-Coreana – O Hallyu enquanto política de Estado estratégica de Soft Power. Relações Exteriores, São Paulo, 30 maio 2023. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/politica-externa-sul-coreana-o-hallyu-enquanto-politica-de-estado-estrategica-de-soft-power/> Acesso em: 16 out. 2025.

SOUSA, Patrícia; SILVA, Luiz Gustavo. O poder brando na construção da paz: o caso da inserção Sul-Coreana no entorno regional por meio da diplomacia pública e do *nationbranding*. 8 Encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais. Relações Internacionais e Ciência na Era das Pandemias: olhares transdisciplinares sobre desafios globais. 26 a 30 de Julho de 2021. Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, 2021.

STRANGE, Susan. States and Markets. 2. ed. Londres: Pinter, 1994.

1 Bacharel em Relações Internacionais e bacharelada em Direito pela Universidade La Salle

2 Bacharel em Relações Internacionais e mestre em Sociologia Política pela Universidade Cândido Mendes/IUPERJ

3 Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Estácio de S